

GT03: Antropologia (Audio)Visual) e Ciências Sociais: experiências de ensino e pesquisa

Denise Machado Cardoso, Nilson Almino de Freitas

As experiências que envolvem a Antropologia (Audio)Visual no âmbito da pesquisa e do ensino têm sido tema de Grupos de Trabalho e Simpósios Temáticos organizados pelo Comitê de Antropologia Visual em diversos eventos científicos. Nesse GT esperamos discutir o uso das imagens nas diferentes articulações possíveis entre ensino e pesquisa no campo das ciências sociais. Como desdobramento de uma reflexão em desenvolvimento desde a publicação do livro Antropologia Visual: perspectivas de ensino e pesquisa (Ferraz & Mendonça, 2014), esperamos estender a discussão sobre o uso de imagens do campo da antropologia visual, para as outras áreas das ciências sociais, como forma de dimensionar as limitações e potencialidades epistemológicas e metodológicas no tocante ao uso das linguagens visual, gráfica e audiovisual na sala de aula bem como na pesquisa e resultados elaborados nesses termos em vista de sua aplicabilidade no ensino. Esperamos trabalhos que versam sobre antropologia audiovisual, ética de abordagens com imagens, produção, memórias coletivas, etnografias participativas em imagem e som, uso de mídias, acervos, interlocuções com os campos da política, da performance, da fotografia e do cinema, da curadoria e da experimentação dos modos de narrar e ensinar ciências sociais, tanto no Ensino Básico, quanto no Ensino Superior.

Vivendo e aprendendo : imagens de uma viagem à "campo".

Autoria: Petronio Potiguar

Este texto é fruto de preparação da primeira etapa da pesquisa de campo rumo a aldeia Mapuera, na cidade de Oriximina, noroeste paraense, em 2018, para tese de doutorado, pelo Programa de Pós Graduação em Sociologia e Antropologia, da Universidade Federal do Pará (PPGSA/UFGPA). A pesquisa diz respeito à concepção de saúde/doença/cura entre os homens indígenas nessa aldeia, cujas subjetividades tornaram-se chaves centrais de análise. No entanto, o foco aqui é difundir essa experiência iniciada em 2018, em um contexto indígena, por acreditar que as referências sobre metodologia e instrumentos da pesquisa, em particular, a etnografia e as imagens, mostraram que o campo se faz presente, a partir do momento em que você decide desenvolver uma pesquisa, cujo local da investigação é mais um componente nesse processo e que os preâmbulos, antes de chegar "lá", são também partes deste campo. A escrita desse texto revela os meandros que antecedem o estar no campo, propriamente dito e como esse contexto pode se transformar em conteúdo para reflexões, em especial, para os iniciantes na pesquisa científica. E foi sob essa perspectiva que resolvi apresentar ao leitor essa experiência, que contribuiu para os campos posteriores a pesquisa em si, que se deu de janeiro a maio de 2020 e que, se não fosse as experiências vividas nos antecedentes para chegar na aldeia Mapuera, em 2018, não teria tanto êxito, como ocorrera em 2020 e 2021 (via watzap), momentos finais da pesquisa de campo. Nesse contexto, as narrações, imagens, anotações no caderno de campo e, fundamentalmente, os ouvidos e olhares treinados, foram importantes nesse processo e que deram base para essa produção acadêmica, direcionada aos alunos de graduação e mestrado, cuja iniciação científica é presente. Por fim, a intenção aqui é levar os neófitos da pesquisa científica à compreender que os antecedentes à chegada ao campo de pesquisa, as vezes, considerados "não importantes", podem passar despercebidos sem um tratamento adequado para a composição e preparo de pesquisas e que, se não for tratado com cautelas, podem provocar entraves em suas futuras investidas ao campo de estudo.

[Trabalho completo](#)

33ª Reunião Brasileira de Antropologia - RBA

A 33ª Reunião Brasileira de Antropologia (RBA) foi realizada de forma on-line, pela Associação Brasileira de Antropologia (ABA) e em parceria com a Universidade Federal do Paraná (UFPR), entre os dias 28 de agosto a 03 de setembro de 2022.

Às vésperas do bicentenário da Independência política do Brasil, a entidade mais antiga das Ciências Sociais do país – Associação Brasileira de Antropologia (ABA) - realizou o evento que contou com a participação de mais de 2 mil pesquisadores/ pesquisadoras da Antropologia e área afins oriundos da América Latina, América do Norte, Europa e África.

A programação contou com: 76 Grupos de Trabalhos, 32 Simpósios Especiais, 54 Mesas Redondas, 05 Oficinas, 04 Minicursos, 04 Conferências, 06 Reuniões de Trabalho, Lançamentos de Livros, Atividades do Prêmio Pierre Verger (Mostras de filmes, ensaios fotográficos e desenho); Feira de Livros e diversas premiações (Prêmio Pierre Verger, Prêmio Lévi-Strauss, Prêmio Lélia Gonzales, Prêmio Heloisa Alberto Torres, Prêmio Antropologia e Direitos Humanos, Prêmio de Ensino de Antropologia, Prêmio de Divulgação Científica, além da Medalha Roquette Pinto).

A Reunião permitiu à comunidade antropológica reafirmar seus compromissos com os direitos dos povos indígenas, com as populações das periferias, com as comunidades quilombolas, LGBTQI+ e de favelas. Se tratou de um evento de primeira grandeza para a Antropologia nesses tempos em que os direitos básicos estão ameaçados, possibilitando a reflexão, o questionamento e o pensar sobre os desafios e dilemas da atualidade.

Realização:



Apoio:



Organização:

